

Dois espécies de genéricas*

Resumo

Este artigo argumenta a favor da distinção semântica entre dois tipos de frases (usualmente apeladas de) genéricas exemplificados em "os suecos são altos" (tipo I) e "os suecos são numerosos" (tipo II). Defender-se-á que apenas as genéricas do segundo tipo são susceptíveis do tipo de análise introduzida por Carlson, segundo a qual os SNs sujeitos dessas frases denotam um tipo de entidades denominadas *expeces*. Em particular, será apresentada evidência que mostra que as genéricas do tipo I têm um carácter quantificacional — um resultado que contradiz a teoria de Carlson.

1. A genericidade em Carlson

O exemplo mais óbvio de uma teoria prevalecente em semântica para o tratamento da genericidade é a de Carlson, introduzida por Carlson (78). As características básicas da teoria, bem como os seus méritos e deméritos têm sido objecto de frequente discussão. Este artigo procura expor um seu demérito pouco discutido, viz. a sua incapacidade para dar conta das diferenças entre as condições de verdade de dois tipos de frases genéricas. Nesta secção 1, apresentarei um esboço dos argumentos básicos de Carlson, a que se seguirá, na secção 2, a apresentação de algumas objecções de carácter empírico à sua teoria.

Um mérito indiscutível da doutrina de Carlson é o de encarar como pertencendo à categoria ds frases genéricas uma variedade de frases com notórias diferenças morfo-sintácticas. De facto, Carlson adoptou a atitude razoável de definir o conceito de *frase genérica* segundo o critério da semelhança semântica — i.e. semelhança de condições de verdade — de vários tipos de construções. Esse conceito foi, em particular, definido de modo a incluir as variedades ilustradas em (1)-(6)¹:

* Este artigo beneficiou de sugestões de Ana Cristina Macário Lopes, da FLUC, a quem agradeço.

¹ Tanto quanto me é dado saber, Carlson jamais teve como instrumento de trabalho o Português, construindo os seus argumentos basicamente apoiado em evidência do Inglês. Mas as suas conclusões são facilmente transponíveis para qualquer língua onde seja possível construir frases genéricas que apresentem o mesmo grau de variedade morfo-sintáctica do Inglês (sendo o Português uma delas, como se ilustra em (1)-(6)), de modo que me absterei de basear a argumentação deste artigo numa análise comparativa de várias línguas. O meu argumento central, usando evidência basicamente do Português, descansa

- (1) Os cães ladram
- (2) Os suecos são altos
- (3) O sueco é alto
- (4) Um irlandês gosta de whisky
- (5) Os pumas estão em extinção
- (6) O João fuma

As intuições semânticas que constituem o conceito de *frase genérica* ilustrado nesta sequência de frases são basicamente as seguintes.

Em primeiro lugar, frases genéricas referem-se não a eventos espacial ou temporalmente determinados, mas exprimem regularidades e caracterizam grupos de indivíduos (e nalguns casos — como (6) — indivíduos particulares) como tendo, tendencialmente de modo permanente, certas características. Mesmo quando se referem a indivíduos específicos, como é o caso da frase habitual (6), é razoável dizer que atribuem uma qualidade a esses indivíduos e que essa atribuição é insusceptível de ser confirmada ou infirmada pela simples observação do seu comportamento numa circunstância específica. O conceito de *genericidade* de Carlson resulta justamente da constatação de que o valor de verdade deste tipo de frases não é determinável apenas segundo o que ocorre numa situação espácio-temporalmente determinada, uma vez que se refere, por assim dizer, a situações genéricas.

Esta característica é facilmente observável a partir das frases listadas acima. Nenhum exemplo de um cão a ladrar, de um sueco alto ou de um irlandês apreciador de whisky é suficiente para fazer aceitar como verdadeiras, respectivamente, (1), (2)/(3) ou (4). Nem é o facto de o João estar a fumar suficiente para fazer (6) verdadeira. Quanto ao caso mais problemático de (5) (e até que ele seja discutido mais à frente neste artigo), basta por agora dizer que nem sequer é imaginável uma situação em que um puma específico esteja em extinção — e muito menos, claro, que uma tal situação tenha alguma coisa a ver com as condições de verdade da frase em questão.

Uma segunda característica que pode ser vista como unificando (1)-(6) está directamente relacionada com a anterior — a sua estatividade. De facto, esta pode ser descrita como a contrapartida linguística do carácter não-pontual, disposicional típico das frases genéricas. Esta característica de modo nenhum acarreta que todos os verbos principais ou SVs de frases genéricas como as analisadas sejam intrinsecamente estativos, mas apenas que, quando tal não é o caso, eles ou os SNs sujeitos com que co-ocorrem

apenas sobre a assunção incontroversa de que as frases inglesas com "bare plurals" na posição de sujeito têm como congéneres portuguesas frases com SNs definidos nessa posição. Tudo o que a seguir será descrito como a análise de Carlson deste último tipo de frases genéricas é, portanto, para ser entendido como sendo aplicável também à sua análise das frases do Inglês com "bare plurals"

contêm elementos susceptíveis de induzir uma interpretação estativa de toda a frase. Por exemplo, um SV não estativo como "comer carne de rena" pode, se estiver no presente do indicativo, induzir uma leitura genérica :

(7) Os suecos comem carne de rena

Tal como as suas congêneres listadas acima, (7) não se refere a uma situação espacio-temporalmente determinada, mas quando muito a uma multiplicidade de tais situações (no caso, situações de suecos a comerem carne de rena). A estatividade das frases genéricas sugere pelo menos duas descrições informais das suas condições de verdade. (7) pode, por um lado, ser vista — como, aliás, (1)-(6) — como descrevendo uma "disposição" geral para agir ou, por outro, como descrevendo uma característica "essencial" de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos. Em qualquer dos casos, no entanto, essa "situação genérica" (digamos assim) a que se refere é susceptível de ser instanciada por situações mais específicas como a referida por (8):

(8) O Mats come carne de rena

Do mesmo modo, (9) refere-se a uma situação que exemplifica a generalização expressa por (1):

(9) O Benfica ludra

(10), por sua vez, refere-se a uma situação que exemplifica a generalização expressa por (6):

(10) O João está a fumar

É verdade que (8)/(9), por um lado, e (10), por outro, diferem notoriamente, visto que as duas primeiras são, elas, próprias frases estativas (e, segundo a terminologia sintética de Carlson, frases genéricas também), atribuindo qualidades a indivíduos (um cão e uma pessoa) em vez de descreverem uma situação espacio-temporalmente localizada em que essa pessoa intervenha, como (10). Mas todas elas descrevem "particularizações", por assim dizer, das "disposições" expressas pelas suas congêneres apresentadas acima. No primeiro caso, "particularizam" uma asserção genérica acerca de

um grupo de indivíduos identificados por um nome comum precedido por um artigo definido — "os suecos" (ou "o sueco"), "os cães" (ou "o cão") ; ao passo que no segundo caso particularizam uma asserção genérica acerca de um indivíduo chamado João. Em ambos os casos aquilo sobre que se generaliza e a partir do qual se particulariza é diferente, mas os mecanismos semânticos envolvidos nessas "generalizações" e "particularizações" parecem ser os mesmos (quaisquer que eles sejam exactamente). Esta intuição de Carlson, que parece aceitável, não será directamente discutida neste artigo.

Outro facto relativo ao comportamento das genéricas a que Carlson deu especial importância é o de que, se operarmos uma modificação nessas frases de modo a que o SV deixe de ser estativo (ficando tudo o resto como antes), obtemos uma leitura diferente da leitura genérica. Os exemplos de Carlson são em Inglês e com "bare plurals" (que nesses casos induzem uma leitura existencial), mas um contraste semelhante verifica-se em Português, onde os SNs definidos induzem nesses casos uma leitura de descrição definida::

(11) Os suecos estão a comer carne de rena

(12) Os cães estão a ladrar

Este contraste parece confirmar o carácter de quase-universalidade das genéricas que, além do mais, parece ser induzido pela estatividade dos SVs que nelas ocorrem. De facto, apesar de não serem susceptíveis de uma interpretação idêntica a frases que exprimam quantificação universal, as genéricas (e, em particular, aquelas cujo sujeito é um SN composto por um artigo definido e de um nome comum contável ou, no caso do inglês, aquelas cujo sujeito é um "bare plural") suscitam o mesmo tipo de contraste com frases cujo SN sujeito é susceptível de uma leitura de descrição definida (em Inglês, com frases cujos SNs sujeito são susceptíveis de uma leitura existencial). Isto só por si não implica que as genéricas sejam frases quantitativas, i.e. que seja possível identificar nelas um constituinte que carácter quantitativo, mas é pelo menos um indício nesse sentido. Outro indício é o facto de as genéricas parecerem referir-se a uma multiplicidade de elementos dos conjuntos denotados pelo nome comum oconente no SN sujeito. Carlson, no entanto, não foi sensível a este tipo de indícios como inspiração para formalizar a semântica das frases genéricas e optou por outro tipo de estratégia.

A teoria de Carlson acerca de genéricas é, justamente, baseada em argumentos contra o ponto de vista de que as suas condições de verdade tenham alguma coisa a ver com quantificação. Um deles é que nenhum quantificador das línguas naturais (e, em particular, do inglês) parece cumprir adequadamente a função de contribuir para as condições de verdade de tais frases. Uma razão óbvia é a sua vagueza: as genéricas (1)-(10) exprimem uma propriedade válida "em geral" para os membros de um conjunto, mas

não exprimem qualquer tipo de comprometimento acerca de se todos, ou só a maior parte, ou só uma percentagem razoável (digamos 75%) desses membros têm de satisfazer a referida propriedade. De modo que nenhum quantificador percentual (do tipo de "três quartos de") é um bom candidato. De facto, as frases genéricas parecem demasiado vagas para se aceitar que, a possuírem um elemento quantificacional com realização fonética nula, ele seja desse tipo. Mas um quantificador tipicamente vago como "muitos" também não parece adequado, visto que frases onde o quantificador "muitos" ocorre no SN sujeito e genéricas como as discutidas até agora têm condições de verdade diferentes :

(13) Muitos suecos são altos

(14) Os suecos são altos

Em particular, (13) pode ser verdadeira sem que (14) o seja, de onde se conclui que (13) e (14) não são equivalentes, pelo menos numa certa leitura. Essa leitura é aquela segundo a qual (13) afirma que uma percentagem razoável — mas não especificada — dos suecos são altos : isto pode verificar-se sem que ser alto seja uma propriedade típica dos suecos ; nesta leitura, (13) pode ser descrita como logicamente mais fraca do que (14)). Mas também é possível interpretar (13) de modo a que ela possa ser falsa quando (14) é verdadeira. Nessa leitura, (13) quereria dizer algo como "um número considerável de indivíduos — por comparação com o número total de indivíduos existentes — são suecos e altos ao mesmo tempo" : se só houver um pequeno número de suecos, então (13) pode, nesta leitura, ser falsa mesmo que os suecos sejam tipicamente altos, i.e. mesmo que (14) seja verdadeira. Apesar de ambas as frases serem vagas, portanto, elas são vagas de maneiras diferentes² — e isto para cada uma das leituras de "muitos".

Outro argumento interessante apresentado por Carlson como militando contra o ponto de vista quantificacional acerca de genéricas reside na possibilidade da substituição de pronomes pelo seu antecedente "genérico" em discursos como (15) :

(15) Os suecos são altos. Eles comem carne de rena.

² Um argumento relacionado apresentado por Carlson contra o carácter quantificacional das genéricas diz respeito ao facto de que esse tipo de frases (ou pelo menos as da forma [SN ART_{def} NC] SN SV ou [SN NC_{plu}] SN SV no caso do Inglês) não apresenta condições de verdade uniformes, de modo que não pode existir um único quantificador que dê conta dessas condições de verdade. Por outras palavras, para além da sua vagueza intrínseca, não se pode dizer que as frases deste tipo tenham todas a mesma semântica. Esta observação parece correcta, mas do meu ponto de vista só pode querer dizer que casos como "os portugueses chegaram à Índia em 1498" ou "os ladrões levaram todas as jóias da mansão" devem ser tratados à parte e considerados irrelevantes para as teorias de genericidade pelo simples facto de que dificilmente podem ser consideradas frases genéricas. Isto tem como corolário que não podem servir de contra exemplo para uma teoria acerca de genéricas como as discutidas até agora neste artigo.

Carlson constata que o pronome "eles" pode ser substituído pelo seu antecedente "genérico" no discurso, i.e. "os suecos" de modo a produzir um discurso com condições de verdade idênticas a (15) :

(16) Os suecos são altos. Os suecos comem carne de rena.

Ora este comportamento dos SNs ocorrentes em frases genéricas é idêntico ao exibido pelos SNs compostos por nomes próprios (em Português, por nomes próprios antecidos por artigo definido), que não são quantificacionais mas "referenciais", na terminologia de Carlson. Isto mesmo pode ser observado nos discursos (17) e (18) (que como (15) e (16), são equivalentes):

(17) O Mats é alto. Ele come carne de rena.

(18) O Mats é alto. O Mats come carne de rena.

Por outro lado, esse comportamento contrasta com o exibido pelos SNs quantificacionais, e.g. aqueles que contêm "alguns":

(19) Alguns suecos são altos. Eles comem carne de rena.

(20) Alguns suecos são altos. Alguns suecos comem
carne de rena.

De facto, a substituição de "eles" pelo seu antecedente "os suecos" em (19) resulta num discurso — (20) — com condições de verdade diferentes. Carlson conclui ser esta evidência suficiente para mostrar que os SNs ocorrentes em frases genéricas (informalmente designáveis por "SNs genéricos") estão do mesmo lado da dicotomia quantificacional/"referencial" que os SNs cujo núcleo é um nome próprio. São tão quantificacionais como eles — i.e. de modo nenhum.

Outro argumento apresentado como decisivo por Carlson para estabelecer o carácter não-quantificacional das genéricas envolve a noção de *escopo*. Como Carlson observa, podem verificar-se ambiguidades de escopo numa frase desde que estejam presentes pelo menos dois elementos quantificacionais, como em (21) :

(21) Todos os homens detestam uma mulher

Ora, argumenta ele, as frases genéricas não dão origem a ambiguidades de escopo, como o exemplo (22) ilustra:

(22) Os homens detestam muitas mulheres

Segundo Carlson, o quantificador "muitos" é tipicamente indutor de ambiguidade de escopo e a sua presença deveria portanto, induzir uma ambiguidade em frases como (22) se o SN sujeito contivesse um elemento quantificacional ; do facto de nenhuma tal ambiguidade parecer existir pode, então, deduzir-se que esse SN não contém qualquer elemento quantificacional.

Este tipo de argumentação a favor do carácter "referencial" dos "SNs genéricos" conduz-nos directamente à característica mais marcante da teoria semântica de Carlson para genéricas, i.e. ao enriquecimento da ontologia através da introdução de um novo tipo de entidades, a que usualmente se chama "entidades genéricas" – ou segundo a sua própria terminologia, "espécies".

A ideia é que, tal como os SNs cujo núcleo é um nome próprio denotam uma variedade de indivíduos a que Carlson chamou "objectos", assim também os SNs que ocorrem na posição de sujeito das frases genéricas (e a favor de cujo carácter "referencial" parece haver argumentos) denotam um tipo especial de indivíduos, as mencionadas espécies³.

2. Dois tipos de genéricas

Muitas coisas podem (e, de facto, devem) ser ditas a favor da teoria de Carlson para as genéricas (ou de teorias relacionadas). Mas este artigo não prosseguirá essa via, uma vez que o seu objectivo é justamente discutir uma desvantagem séria dessa classe de teorias sobre a genericidade — e, em particular, da de Carlson. Essa desvantagem consiste na incapacidade de prever diferenças entre as condições de verdade das frases (23)-(25) e as das frases (26)-(28):

I (23) Os suecos são altos

(24) Os cães ladram

(25) Os pumas são ferozes

³ Uma apresentação a ontologia tripartida de Carlson — que também inclui *estáticos* de indivíduos, i.e. realizações espaço-temporalmente determinadas de espécies ou objectos — pode ser encontrada em Shubert & Pelletier (87).

II (26) Os suecos têm estaturas variadas

(27) Os cães são numerosos

(28) Os pumas estão em extinção

É fácil observar que as frases do grupo I, mas não as do grupo II, são compatíveis com a descrição das genéricas como "quase-universais", no sentido em que só elas exprimem uma característica típica dos membros de um certo conjunto (e.g. (24) afirma que os cães, tipicamente, ladram). Pelo contrário, as do grupo II parecem referir-se não aos membros de um conjunto específico, mas antes ao conjunto ele próprio — ou pelo menos a uma entidade de segunda ordem —, uma vez que atribuem às denotações do SNs sujeitos — quaisquer que sejam essas denotações — propriedades próprias de entidades de segunda ordem como *estar em extinção* e *ser numeroso*. Esta intuição é corroborada pela constatação de que (26)-(28) não são parafraseáveis do mesmo modo que (23)-(25), i.e. em termos de propriedades típicas dos membros de um certo conjunto (e.g. (28) não quer, de modo nenhum, dizer que *estar em extinção* é uma propriedade típica dos pumas) ou, sequer, em termos do que se poderia denominar de quantificação universal "enfraquecida":

(23a) Quase todos os suecos são altos

(24a) Quase todos os cães ladram

(25a) Quase todos os pumas são ferozes

(26a) * Quase todos os suecos têm estaturas
variadas

(27a) * Quase todos os cães são numerosos

(28a) * Quase todos os pumas estão em extinção

Concomitantemente, as situações que poderiam contar como casos recalcitrantes para as frases do tipo I têm um carácter diferente daquelas que poderíamos tentar imaginar como "excepções" às do tipo II. Desde logo, não exprimindo as do tipo II generalizações de qualquer espécie, não é sequer possível conceber o que seria uma excepção relativamente a cada uma delas. Pelo contrário, um sueco de um 1,60 m, um cão que não ladra e um puma domesticado são claras excepções às generalizações expressas por (23), (24) e (25), respectivamente.

Estas observações acerca do carácter discreto das denotações dos sujeitos das frases do tipo I — por oposição às do tipo II — são corroboradas pela constatação de que

as primeiras, mas não as segundas, podem ser parafraseadas através do uso dos artigos definido ou indefinido singulares:

- (29) O/Um cão ladra
- (30) O/Um sueco é alto
- (31) * O/Um cão é numeroso.
- (32) * O/Um sueco é de estaturas variadas.

Por outras palavras, a opção estilística pelo singular que as condições de verdade de "os cães ladram" e "os suecos são altos" parecem legitimar — na linha das de "o cão típico ladra" ou "um (qualquer) cão típico ladra" — não é possível nos casos de "os cães são numerosos" ou de "os suecos têm estaturas variadas". Isto constitui um forte indício de que estas últimas não exprimem de todo tipicidade.

O comportamento inferencial exibido por cada tipo de "genérica" (aparentemente, não há muitos motivos para continuar a chamar "genéricas" às frases do tipo II) corrobora as observações precedentes. Observem-se as seguintes (candidatas a) inferências:

- (29) Os cães ladram. Logo, O Benfica ladra.
- (30) Os suecos são altos. Logo, o Mats é alto.
- (31) * Os cães são numerosos. Logo, O Benfica é numeroso.
- (32) * Os suecos têm estaturas variadas. Logo, o Mats tem estaturas variadas.

(29) e (30) são, no sentido não-clássico da palavra "válida", inferências válidas. De facto, de uma premissa como "os X são (tipicamente) Y" — i.e. uma do tipo das premissas de (29) e (30) — não parece possível *deduzir* a conclusão de que "x, um membro da classe X, é Y", uma vez que pode dar-se o caso de que x seja um membro atípico da classe X. Mas se abandonarmos uma concepção estritamente clássica de *validade* e aceitarmos como razoável o conceito de *validade default*⁴, então estamos legitimados para considerar (29) e (30) inferências válidas.

As inferências (31) e (32), por outro lado, não são válidas porque as suas conclusões são semanticamente anómalas e não lhes poderia ser atribuído um valor de verdade (de facto, não é concebível o que seria uma situação ou estado de coisas que as tornasse verdadeiras). Uma vez que o conceito de *validade* de uma inferência se deixa analisar em

⁴ Uma introdução ao conceito de lógica "default" pode ser encontrada em Besnard (89).

termos do *de verdade* das premissas e da conclusão, esta anomalia tem como corolário que as inferências não podem, elas próprias, ser avaliadas quanto à sua validade, não podendo, sequer, ser descritas como inválidas. Por outras palavras, o carácter anómalo das conclusões de (31) e (32) contamina as inferências correspondentes, tornando-as anómalas também.

3. A semântica das frases do tipo I

Os argumentos precedentes acerca da distinção semântica entre frases dos tipos I e II parecem sugerir fortemente que as primeiras — mas não as segundas — são de natureza quantificacional. Mas, admitindo que eles são razoáveis, o que fazer aos argumentos de Carlson contra o carácter quantificacional das genéricas de tipo I, designadamente o da substituibilidade e o da ambiguidade de escopo?

Visto mais de perto, o argumento carlsoniano da substituibilidade de pronomes pelos SNs seus antecedentes em discursos como (15)/(16) (por oposição a (19)/(20)) não parece defensável. É verdade que, como o par (19)/(20) ilustra, a substituição do pronome "eles" por um SN co-referente com ele cujo elemento quantificacional seja "alguns" não preserva as condições de verdade do discurso ; mas daí não se segue que essa impossibilidade se verifique no caso de *qualquer* SN quantificado. De facto, SNs cujo quantificador é "todos" comportam-se a este respeito de maneira semelhante aos SNs que ocorrem em frases genéricas, i.e. a sua ocorrência em lugar de pronomes co-referentes com eles produz condições de verdade idênticas às do discurso inicial:

(33) Todos os suecos são altos. Eles comem carne de rena.

(34) Todos os suecos são altos. Todos os suecos comem carne de rena.

A conclusão a tirar desta observação é a de que, ao contrário do que Carlson sugere, o argumento da substituibilidade não mostra o que quer que seja acerca do carácter quantificacional dos SNs sujeito das frases do tipo I, visto que SNs quantificados de maneira diferente comportam-se diferentemente quanto à possibilidade de substituírem num discurso pronomes com que são co-referentes.

O argumento de Carlson acerca de ambiguidades de escopo parece também carecer de sustentação suficiente. De facto, ao contrário do que ele defende, os SNs sujeito das genéricas do tipo I dão origem a ambiguidades de escopo. Basta que, em vez de

"muitos", como no exemplo usado no argumento de Carlson⁵, tenhamos um determinante que se caracterize inequivocamente por originar tais ambiguidades quando co-ocorre com um quantificador de tipo universal, como o artigo indefinido "um":

(35) Os estudantes de Linguística lêem uma obra de Chomsky

(36) Os políticos cautelosos viajam num carro blindado

Em (35), é certamente possível a leitura de que existe uma única obra de Chomsky que o estudante de Linguística típico lê ; mas é preciso reconhecer que uma leitura também disponível para essa frase (e talvez a leitura mais natural para ela) é aquela segundo a qual é típico dos estudantes de Linguística lerem uma obra de Chomsky qualquer, possivelmente uma diferente em cada caso. Não só é detectável uma ambiguidade de escopo em (35), portanto, como também a leitura mais natural é a aquela que só é possível se o SN "os estudantes de Linguística" se referir a não a uma espécie mas "aos estudantes de Linguística em geral", i.e. se (35) exprimir uma relação entre o conjunto dos estudantes de Linguística e o dos seres que lêem pelo menos uma obra de Chomsky — por outras palavras, se exprimir quantificação. Um comentário semelhante é válido para (36) (que também exhibe uma ambiguidade de escopo): apesar de poder ser interpretada como querendo dizer que existe um único carro blindado que todos os políticos utilizam, a leitura mais óbvia para (36) é aquela segundo a qual cada político utiliza um carro diferente. Parece legítimo concluir, portanto, que as genéricas do tipo I induzem ambiguidades de escopo e, portanto, que o seu SN sujeito tem um carácter quantificacional.

Esta conclusão é corroborada pela observação do comportamento das genéricas em análise quanto à negação. Embora o facto de uma frase como "os suecos são altos" ser parafraseável por "os suecos, em geral, são altos" não seja, por si só, suficiente para infirmar a teoria de Carlson, uma análise das possíveis paráfrases da sua versão negativa é bastante mais reveladora:

(37) Os suecos não são altos

⁵ O próprio exemplo de Carlson não parece servir os interesses do seu argumento, uma vez que (22) mostra uma ambiguidade de escopo: tanto pode querer dizer que cada homem típico detesta muitas mulheres, como que há um grupo de (muitas) mulheres que o homem típico detesta.

O que é que a genérica (37) quer exactamente dizer? Se, por um lado, (37) quiser dizer que a afirmação de que os suecos sejam, em geral, altos não é verdadeira, então ela é equivalente a (38), onde o advérbio de negação ocorre "externamente":

(38) Não é verdade que os suecos sejam altos

Se, por outro lado, (37) quiser dizer que os suecos, em geral, não são altos (mas antes baixos ou de média estatura), então não é equivalente a (38).

A importância deste teste de equivalência reside no facto de uma decisão acerca da semântica (e, concomitantemente, acerca da ontologia subjacente) das frases I parecer depender da decisão desta questão. Por outras palavras, a razoabilidade da opção quantificacional depende de (37) exprimir a negação de uma generalização ou, por assim dizer, uma generalização negativa.

De facto, se a teoria de Carlson for adequada, esta equivalência tem de se verificar. Uma vez que nessa teoria "SNs genéricos" como "os suecos" em (37) são vistos como nomes próprios de espécies (no caso a espécie *Sueco*), então a negação frásica e a negação de SV deveriam produzir resultados equivalentes nesse tipo de frases, tal como acontece nas frases que diferem de (37) pelo facto de o seu SN sujeito ser (ou, em Português, ter como núcleo) um nome próprio de um objecto (em vez de uma espécie). (39) e (40), por exemplo, são equivalentes:

(39) O Mats não é alto

(40) Não é verdade que o Mats seja alto

De facto, a semântica prevista por Carlson para frases como "os suecos são altos" reproduz a semântica usual de frases como "o Mats é alto", no sentido em que a sua teoria prediz que uma frase como essa seja verdadeira se e só se a espécie *Sueco* pertencer ao conjunto de denotado pelo predicado "é alto". (37), por sua vez — na qual esse predicado ocorre num SV negativo — seria verdadeira se e só se a espécie *Sueco* pertencer ao conjunto denotado pelo predicado "não é alto". Por outras palavras, seria verdadeira se e só se *Sueco* pertencer ao conjunto complementar do conjunto dos indivíduos altos no domínio de indivíduos (objectos e espécies; estádios de indivíduos estão excluídos uma vez que o predicado "é alto" não é "stage-like"). Mas estas condições de verdade são idênticas às condições de verdade que a teoria de Carlson prevê para (38). De facto, presumindo um tratamento canónico para a negação frásica, (38) seria verdadeira nessa teoria se e só se "os suecos são altos" fosse falsa, i.e. se e só se a espécie *Sueco* não

pertencesse ao conjunto dos indivíduos que são altos — o que, como é fácil de verificar, é a mesma coisa do que pertencer ao conjunto dos indivíduos que não são altos.

Se se optar por atribuir um valor quantificacional ao artigo definido plural em frases como "os suecos são altos", por outro lado, prediz-se que (37 e (38) não são equivalentes. Isto resulta directamente do conceito de quantificação tomado popular por Barwise & Cooper (81), segundo o qual o carácter quantificacional de uma frase F é (*grosso modo*) identificável com a expressão de uma relação entre os conjuntos denotados pelo nome comum do núcleo do SN sujeito e pelo SV de F. Se se tomar como boa esta concepção (e tal assunção é consensual em semântica), segue-se que a negação do SV e a negação frásica produzem condições de verdade diferentes em frases quantificadas, como os exemplos (41)-(44) mostram:

- (41) Alguns suecos não são altos
- (42) Não é verdade que alguns suecos sejam altos
- (43) Nenhum sueco é alto (i.e. todos os suecos não são altos)
- (44) Não é verdade que todos os suecos sejam altos.

De facto, em ambos os casos (como no caso de frases onde ocorressem quaisquer outros determinantes em vez de "alguns", "nenhum" ou "todos"), a negação frásica produz condições de verdade diferentes da negação do SV. (41) é verdadeira, por exemplo, se houver pelo menos um (ou, uma vez que está no plural, pelo menos dois) sueco que não é alto, ao passo que (42) é verdadeira exactamente no caso em que não houver nenhum sueco que seja alto. E "todos" parece apresentar o mesmo comportamento que "alguns": (43) tem condições de verdade diferentes de (44) uma vez que (43) e (44) têm condições de verdade idênticas, respectivamente, a (41) e (42). E esta observação pode ser generalizada a quaisquer determinantes, i.e. a mesma discrepância de condições de verdade proporcionadas pelos dois tipos de negação verifica-se em frases que contenham qualquer outro elemento quantificacional na mesma posição.

O corolário imediato disto é que uma teoria que prediga que as frases do tipo I exprimem quantificação prediz também que (37) e (38) não são equivalentes, i.e. que (37) exprime não a negação de uma generalização mas uma generalização negativa. E, desse ponto de vista, apresenta uma clara vantagem sobre a teoria de Carlson. Porque, de facto, (37) e (38) não são equivalentes. Em particular, (38) pode ser verdadeira e (37) falsa. Suponha-se, por exemplo, uma situação em que cerca de metade dos suecos são altos. Uma tal situação torna (38) verdadeira (uma vez que, nesse caso, não é verdade que os suecos sejam, em geral, altos) e (37) falsa (uma vez que, nesse caso, não é verdade que os suecos, em geral, não sejam altos: cerca de metade são). Por outras palavras, o facto de frases como (37) exprimirem não a negação de uma generalização

mas uma generalização negativa (i.e.o facto de não serem equivalentes a frases como (38)), infirma a teoria de Carlson e constitui um forte argumento a favor da opção quantificacional para o tratamento das genéricas do tipo I⁶.

Bibliografia

- BARWISE, J. e COOPER, R. (81) - "Generalized quantifiers and natural language", in *Linguistics and Philosophy*, 4, pp. 159-220.
- BESNARD, P. (89) *An Introduction to Default Logic*, Springer Verlag
- CARLSON, G. (77) - *Reference to kinds in English*, Ph.D. Dissertation, University of Massachusetts.
- CARLSON, G. (82) "Generic terms and generic sentences", in *J. Philosophical Logic* 11, pp.145-181
- HEYER, G. (88) - "Semantics and knowledge representation in the analysis of generic descriptions", *Journal of Semantics* 7, pp. 93-110
- SCHUBERT, L. K. e PELLETIER, F. (87) - "Problems in the representation of the logical form of generics, plurals and mass nouns", in LePore, E. (ed.), *New Directions in Semantics*, Ac. Press, pp.357-372.

⁶ Foi-me feito notar que (37) é na verdade ambígua e que, na leitura não contemplada neste artigo, é equivalente a (38). Este facto é, no entanto, irrelevante para o argumento, uma vez que este descansa apenas sobre a assunção de que a outra leitura discutida no artigo está disponível (e não sobre a assunção de que é a única disponível).